

O poder da amizade

O poder da amizade

A resposta para um mundo de solidão e discórdia

JOHN M. PERKINS

COM KAREN WADDLES

Traduzido por Celso Rimoli



MUNDO CRISTÃO

Copyright © 2019 por John M. Perkins
Publicado originalmente por Moody Publishers,
Chicago, Illinois, EUA.

Os textos bíblicos foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Tyndale House Foundation, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela
Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

*CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ*

P526p

Perkins, John M., 1930-

O poder da amizade : a resposta para um mundo de
solidão e discórdia / John M. Perkins, Karen Waddles ;
tradução Celso Rimoli. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão,
2022.

176 p.

Tradução de: He calls me friend

ISBN 978-65-5988-050-8

1. Amizade - Aspectos religiosos - Cristianismo.
2. Deus - Miscelânea. 3. Amor - Aspectos religiosos -
Cristianismo. 4. Vida espiritual. I. Waddles, Karen. II. Rimoli,
Celso. III. Título.

21-74099

CDD: 241.6762

CDU: 27-444.2

Edição
Daniel Faria

Revisão
Natália Custódio

Produção
Felipe Marques

Projeto e diagramação
Marina Timm

Colaboração
Ana Luiza Ferreira

Capa
Douglas Lucas

Publicado no Brasil com todos
os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Categoria: Inspiração
1ª edição: fevereiro de 2022

Ao meu Amigo Eterno e a cada amigo que
caminhou comigo desde que entrei no reino,
há mais de sessenta anos. Àqueles a quem
Deus usou para me fortalecer em minha dor,
para me dar esperança quando eu não tinha
nenhuma e para me encorajar a seguir em frente:
não haveria tempo ou espaço suficiente para
nomear cada um de vocês, pois nossa amizade
é tão preciosa que não ousou arriscar esquecer
ou ofender ninguém. Para todos e cada um de
vocês, obrigado por estarem ao meu lado na
jornada da vida...
obrigado por serem amigos.

Sumário

Prólogo	9
Introdução	13
PARTE 1: AMIZADE COM DEUS PAI	
1. O Cão de Caça do Céu	27
2. O Deus íntimo e santo	41
3. O Deus do perdão	55
Vamos ouvir Ken Smith: “Amizade é para sempre”	66
PARTE 2: AMIZADE COM JESUS	
4. O Deus que veio a nós	73
5. Amigo de prostitutas, ladrões e marginalizados	85
Vamos ouvir Randy e Joan Nabors: “Amizade é tolerante”	95
PARTE 3: AMIZADE COM O ESPÍRITO SANTO	
6. O Deus que habita em nós	101
7. O fruto da amizade	113
Vamos ouvir Wayne Gordon: “Amizade significa ir fundo”	128

PARTE 4: AMIZADE COM OS OUTROS

8. Superando barreiras	133
9. O desafio da amizade	145
Vamos ouvir Phillip Perkins: “Meu pai, meu amigo”	155
Conclusão	159
Para pensar e trocar ideias	165
Agradecimentos	170
Notas	171

Prólogo

Nunca me esquecerei da primeira vez que encontrei o Dr. John Perkins. Ele irradia o amor de Jesus e tem um sorriso que ilumina o recinto. Se você o conhece, sabe o que quero dizer. Ele é magnético. Nós o convidamos para falar à nossa comunidade há alguns anos, a fim de receber sua ajuda, seus conselhos e sua sabedoria adquiridos ao longo de toda uma vida enfrentando os efeitos devastadores do racismo. Queríamos nos engajar mais do que nunca na abordagem às questões da reconciliação racial nos Estados Unidos e descobrir como poderíamos ser parte da solução. Eu não tinha ideia de onde estava me metendo. Junto com nossa comunidade sentei-me para conversar com o Dr. Perkins, e ele nos deixou mais que impressionados. Todos nós saímos transformados de lá naquele dia. Ele e eu nos tornamos amigos chegados e, como se diz, o resto é história.

Agora sei que o trabalho de qualquer bom entrevistador é fazer a lição de casa, mas confesso com humildade que só tive tempo de folhear rapidamente seu livro mais recente à época. Na pressa de cumprir as agendas e de levá-lo até lá, não consegui obter muitos detalhes sobre sua história. Então, quando ele se sentou comigo para conversar, eu estava despreparado em vários aspectos. Quanto mais ele falava, menos precisava das minhas perguntas, porque tudo o que eu queria era ouvir mais e mais. Senti várias coisas naquele dia: indignação, incredulidade, compaixão e um amor imenso pelo Dr. Perkins. Ele compartilhou sua vida conosco por meio de histórias: de sua mãe, que faleceu devido à pobreza extrema, de como seu

irmão foi brutalmente assassinado por um policial branco, de como Deus transformou sua raiva em ativismo e no que são agora uma vida e um legado inigualáveis de fé indescritível. Não dava para acreditar como ele se expressava tão abertamente e com tanta força, humildade e graça. Ele generosamente compartilhou sua vida conosco, completos estranhos. Mesmo entre lágrimas, sua presença me encheu de esperança. Fui desconstruído, mas revigorado.

O Dr. Perkins escreveu este livro, *O poder da amizade*, com tanta beleza e autenticidade porque o deixou bem simples. Ele escolheu conhecer a Deus e torná-lo conhecido. Escolheu receber a amizade de Deus, como um apóstolo João da atualidade, o autoproclamado “discípulo que Jesus amava”. Mais precisamente, ele escolheu abraçar por completo a Deus Pai, seu Filho Jesus e o Espírito Santo. E o Dr. Perkins testemunhou ao longo de sua vida a realidade dessa amizade vez após vez, desafio após desafio, temporada após temporada. Assim como na vida de Jesus, vejo muito claramente o que torna a vida e a mensagem do Dr. Perkins tão convincentes. A vida de Jesus foi repleta de pessoas: homens e mulheres que ele encontrou e acolheu. Pessoas comuns com quem dividiu uma refeição, casamentos que frequentou, crianças que abraçou, mulheres que protegeu e até um amigo que trouxe dos mortos. Amigos cujas dores ele compartilhou e, por fim, cujos pecados tomou para si. Ele nos deixou uma bela imagem de que a amizade divina era de coração para coração, mais importante que normas e regras sociais.

E, da mesma forma, sou mais uma vez provocado por John Perkins quando ele compartilha sua vida comigo. Exatamente como quando nos conhecemos. Sempre penso nele ao longo dos anos, e ainda fico impressionado pela forma como ele suportou o que suportou — e sorrindo. Até tive conversas em voz

alta (bem, para ser sincero, eu estava gritando) com Deus sobre isso, perguntando: “Como, Senhor? Como esse homem suportou tanta dor, crueldade e injustiça e, ainda assim, é tão DOCE?!”.

Veja bem, uma coisa é ser gentil quando alguém toma seu lugar no estacionamento, mas o que meu amigo sofreu é indizível, e no entanto seu amor permanece. Apenas um homem que experimentou um nível incrivelmente íntimo de amizade com Deus é capaz de me fazer acreditar que coisas assim são possíveis. Ele me faz querer conhecer mais a Deus. Ele me inspira a ser um companheiro constante de Deus. Somente um homem que conhece Jesus intimamente e cultivou um relacionamento verdadeiro e próspero com ele pode nos dar a esperança de que é de fato possível vencer a luta contra o pecado do racismo.

Sim, o Dr. Perkins e eu já fomos desconhecidos, mas não mais. Somos amigos que se tornaram família. Naquele dia, eu sabia que meu relacionamento com o Dr. Perkins era o que eu queria para toda a vida. Ele acolheu a mim e à minha família, além da comunidade Churchome — completos estranhos —, e nos chama de amigos. Construímos uma amizade que me transformou para sempre. Ele é um tesouro nacional, uma representação de esperança e de mudança da qual todos nós precisamos. Desfrutamos uma amizade verdadeira, marcada pela segurança e pelo sacrifício, o compromisso mútuo com a convicção que somente Deus pode dar. Não é a amizade definida de forma vaga que a cultura promove, mas aquela cultivada em amor sincero e respeito. Uma amizade que divide fardos e suporta dores. Esse tipo de amizade é único, vinculado ao amor de Deus e de um pelo outro, que pode superar e vencer a luta contra o ódio e a intolerância. Jesus verdadeiramente o chama de amigo, e sou muito grato por também fazê-lo.

JUDAH SMITH

Pastor da Churchome e autor de *Jesus é* _____.

“Agora vocês são meus amigos.”

João 15.15

Introdução

Há muito tempo a Nova Zelândia é conhecida por sua tranquilidade, qualidade de vida e liberdade econômica. Minha esposa e eu estivemos lá há algum tempo e ficamos impressionados com a beleza e a paz daquele país. Vera Mae disse que, se pudesse viver em outro lugar que não nos Estados Unidos, escolheria morar lá.

Enquanto escrevo as palavras deste livro, nosso coração se entristece com a notícia de que um atirador matou cinquenta muçulmanos em seus locais de culto na cidade de Christchurch. A Nova Zelândia, por muitos anos um lugar pacífico e seguro, se encontra agora atemorizada pelo ódio étnico e pela violência. Por volta da mesma época, aqui nos Estados Unidos, assistimos ao assassinato de onze judeus na Sinagoga Árvore da Vida, em Pittsburgh, na Pensilvânia, e ao assassinato de uma jovem branca em Charlottesville, na Virgínia, que protestava contra as palavras de ordem de supremacistas brancos que marchavam pelas ruas exibindo símbolos nazistas.

Eu já vivi tempo suficiente para não ficar alarmado com qualquer coisinha, mas vejo algo acontecer nos Estados Unidos e pelo mundo afora que precisamos controlar. Se não o fizermos, isso nos destruirá.

Quando escrevi *One Blood: Parting Words to the Church on Race and Love* [Um só sangue: Últimas palavras para a igreja sobre raça e amor], em meu coração eu quis fazer as pessoas entenderem que existe apenas uma raça: a raça humana. E que

todo ser humano é criado à imagem de Deus e tem dignidade e valor. Cada indivíduo — negro, branco, hispânico, asiático, judeu, muçulmano — é criado à imagem de Deus! Do fundo do coração, acredito que a igreja é responsável por conhecer essa verdade e vivenciá-la. *One Blood* foi uma mudança de paradigma. Nosso comportamento mostrava que pensávamos haver muitas raças: a negra, a branca, a hispânica, a asiática e assim por diante. Mas, na verdade, existe apenas uma e somos idênticos uns aos outros, com exceção de 0,1% de nossa composição, responsável pela cor da pele e a aparência física.

Este livro é a progressão daquela mensagem. É a mensagem do discipulado que decorre de nossa salvação pelo sangue de Jesus. Como viver esse novo paradigma de unidade? Como concretizamos esse novo paradigma de unidade? Como superamos as fronteiras e os muros que nos separaram segundo barreiras étnicas, econômicas, sociais e de classe? Existe um bálsamo de cura para a doença pecaminosa do ódio e do preconceito étnicos?

O apóstolo João disse isso de forma muito clara nas Escrituras: “Se vivemos na luz, como Deus está na luz, teremos comunhão [amizade] uns com os outros” (1Jo 1.7a). Meu argumento é que a amizade é o caminho para superar as barreiras que nos separam há tanto tempo. Amizade é discipulado em ação. Deus nos chama para uma amizade profunda consigo próprio e com todos os seus filhos, o que contrasta fortemente com o modo como falamos hoje

Podemos estar "conectados", mas somos pessoas solitárias, isoladas umas das outras, com medo umas das outras.

de “amigos”. Muito se fala em amizade por causa do Facebook e da internet. Você pode conseguir amigos e “curtidas”

e começar a se sentir bem consigo mesmo, dependendo de quantos você acumular. Nossa fundação, a John & Vera Mae Perkins Foundation, tem cerca de 3.500 curtidas no momento, e suponho que isso seja um bom número. Mas não tenho certeza se esse tipo de amizade é forte o suficiente para nos fazer atravessar os obstáculos que nos isolam uns dos outros. Acredito que a pessoa pode ter muitos amigos desse tipo e ainda assim se sentir sozinha, isolada e com medo.

O colunista E. J. Dionne Jr. conta sobre uma conversa que Marc Dunkelman teve há vinte anos com seu avô, um vendedor aposentado. Eles falavam sobre como encontrar os melhores restaurantes em uma cidade desconhecida. Marc estava empolgado com um novo aplicativo que ajudava o usuário a encontrar os melhores lugares para comer e até mostrava quais restaurantes havia por perto. Mas seu avô não ficou muito entusiasmado com aquela nova tecnologia. Ele disse que sempre que fazia uma viagem de vendas a um novo local, procurava um “desconhecido de aparência amigável” e lhe pedia que recomendasse um bom lugar para comer. Nesse processo, o desconhecido muitas vezes se tornava um novo amigo, alguém que ele encontraria quando retornasse à cidade. “Foi assim que conheci o mundo: conversando com estranhos”, disse o homem mais velho. “Com todas essas tecnologias sofisticadas de que você está falando, como as pessoas vão se conhecer? Se quer saber, acho que isso vai deixar todo mundo mais solitário.”¹

Acredito que ele tem razão. Dispomos de toda a tecnologia para facilitar o contato entre nós, mas na verdade não há contato nenhum. Podemos estar “conectados”, mas somos pessoas solitárias, isoladas umas das outras, com medo umas das outras. E esse medo tem causado atos de violência que vêm se tornando comuns demais.

A solidão tem sido chamada de “um dos maiores desafios de saúde pública do nosso tempo”.² A ex-primeira-ministra da Inglaterra chegou a nomear uma ministra da solidão para resolver esse problema.³ Nos Estados Unidos, a Associação Americana de Aposentados entrevistou adultos com 45 anos ou mais e descobriu que um terço deles se sente só.⁴ Há uma epidemia de solidão e falta de amizade, e essa epidemia traz sérias consequências para a saúde pública. Pesquisas mostram que a solidão e o isolamento são tão prejudiciais para a saúde quanto fumar quinze cigarros por dia, podendo acelerar o avanço do mal de Alzheimer.⁵

Portanto, a falta de amizade, a solidão e o isolamento prejudicam corpo, mente... e alma. É do impacto em nossa alma que este livro trata. Quero falar sobre amizade no nível da alma. Acho que esse é o tipo de amizade que Deus planejou que tivéssemos, com ele e uns com os outros. É o único tipo de amizade que curará as feridas da alma e nos ajudará a resolver o problema étnico. Eu gosto das duas seguintes definições de amizade. A primeira vem de um livretinho teológico e a segunda vem da cultura nativa americana:

Amizade é uma relação recíproca
caracterizada por intimidade,
fidelidade, confiança,
gentileza desinteressada e serviço.⁶

Amigo: “Alguém-que-carrega-minhas-dores-em-suas-costas”.⁷

Isso sim é amizade. Ser capaz de se ligar a alguém e caminhar pela vida juntos. Confiar um no outro e cuidar-se mutuamente em um nível profundo do coração. Ajudar um ao outro a carregar as tristezas da vida.

Minha primeira amiga foi minha avó. Ela era de idade, mas foi de fato minha primeira amiga. Quando eu me sentia abatido ou quando alguém fazia algo contra mim e eu não conseguia responder à altura, eu chorava e me sentava à beira da lareira. E eu colocava minha cabeça no colo dela. Suas mãos frágeis acariciavam minha cabeça perturbada e parte da minha tristeza desaparecia. Ela se tornou um lugar seguro para mim, como uma âncora em águas tempestuosas.

Isso foi importante para mim em minha infância pobre no Mississippi, no Sul regido pelas leis de segregação racial. Minha mãe morreu quando eu tinha sete meses de idade. Ela me levou ao peito e me deu sua última gota de força. Morreu de fome e, porque teria sido difícil para meu pai cuidar dos filhos sozinho, fui criado por minha avó, que criou treze filhos. Ela fez o melhor que pôde, e sou grato por ela ter me acolhido. Nossa casa estava sempre cheia de crianças, mas eu ainda assim me sentia sozinho.

Talvez eu estivesse especialmente carente porque minha mãe se fora e meu pai estava ausente de casa. Eu sempre me indagava, aflito, se minha vida importava. Desde cedo eu queria me sentir importante, sentir que minha vida tinha algum significado. Mas eu me sentia sem importância e muito sozinho.

Se é verdade que nossa importância se reflete nos olhos dos outros, então suponho que eu possuía um grande déficit como um garoto negro e pobre no Mississippi. Não houve pais amáveis que olhassem com orgulho para meus primeiros passos ou que esperassem ansiosamente minhas primeiras palavras. Não houve professores cujos olhos se iluminassem quando eu entrava na sala de aula. Mas sou eternamente grato a uma professora. A Sra. Maybelle Armstrong me ensinou as histórias de Nat Turner, Frederick Douglass e John Brown, e

me convenceu de que um dia eu também poderia ser um líder. Isso me trouxe profundo amor pela minha negritude e impediu que eu me sentisse como menos humano do que qualquer outra pessoa. Talvez ela pudesse ver algo em mim — mesmo quando jovem — que eu não conseguia ver. Porém, entre a terceira e a quinta série, deixei de ir à escola e fui trabalhar colhendo algodão.

Apreendi mais lições sobre minha insignificância nos campos de algodão do Mississippi. Certo dia em particular, a lição foi tão crua e tão profunda que ainda me lembro dela, mais de setenta anos depois, como se fosse ontem. Quando tinha onze ou doze anos, trabalhava o dia inteiro arrastando feno para um cavalheiro branco. Eu esperava ganhar um dólar ou um dólar e meio por esse dia de trabalho. No final do dia, porém, ele me deu alguns centavos. Mesmo sendo criança, entendi, por suas ações, que ele dizia que eu não tinha valor.

Alguns anos depois, quando meu irmão Clyde foi morto por um policial, eu soube que a vida de um negro não valia muito, pelo menos não no Mississippi. Então, assim como o personagem Cristão em *O Peregrino*, parti para encontrar a Cidade Celestial, um lugar onde minha vida importasse e o enorme vazio de insignificância pudesse ser preenchido. Minha peregrinação me conduziu à Califórnia. De fato, era como a Cidade

Acho que quase alcançamos o sonho americano... porém, ainda faltava algo. Eu estava inquieto, sem saber por quê.

Celestial para um homem negro do Sul. Consegui encontrar um bom emprego lá. Vi meu valor refletido nos olhos das pessoas que conheci, tanto negros quanto brancos.

Minha grande ventura foi me casar com Vera Mae e começarmos a construir uma família juntos. Finalmente, a vida era

boa. Acho que quase alcançamos o sonho americano. Eu tinha amigos de verdade, uma família, uma boa casa, um bom trabalho e pessoas que me respeitavam... porém, ainda faltava algo. Eu estava inquieto, mas não sabia por quê. Havia um anseio — uma solidão — em meu coração que não me abandonava.

Nosso filho mais velho, Spencer, começou a ir às reuniões do ministério Clube de Boas-novas, onde aprendeu que a Bíblia ensinava que Jesus o ama. Ele voltava para casa animado para compartilhar comigo as histórias que havia aprendido. Quando ele me convidou para ir, fiquei mais animado do que ele poderia ter esperado. E quando comecei a ler a Bíblia por conta própria, desde as primeiras páginas, encontrei a resposta para aquele desejo tão profundo, a solidão que parecia um abismo amplo e vazio. Li sobre um Deus que seria um amigo. Pela primeira vez, li sobre um Deus que criou tudo: a terra, o sol, a lua, as estrelas e todos os seres vivos. Então ele criou um homem e uma mulher. O poeta James Weldon Johnson imagina a cena. Em “A Criação”, Johnson descreve Deus observando a grandiosidade de tudo o que ele havia feito. Depois de um tempo, o Senhor decidiu que não bastava, que algo estava faltando. Ele decidiu: “Farei para mim um homem”.⁸

E foi o que ele fez.

Gosto muito dessa imagem de Deus sentado e pensando sobre o que ele faria para preencher sua “solidão”, a ideia de um ser do qual pudesse ser companheiro, e finalmente decidindo que criaria o homem. Pode não ser teologicamente correto, pois Deus — Pai, Filho e Espírito Santo — já era completo em si mesmo. E, para dizer a verdade, tenho certeza de que nascemos da amizade da Trindade. Quando Deus disse em Gênesis 1.26: “Façamos o ser humano à nossa imagem; ele será semelhante a nós”, ele pôs as coisas em movimento.

Mas, em minha mente, consigo imaginar Deus curvando-se e pegando argila, aparando as arestas e formando cuidadosamente o corpo de Adão, o primeiro ser humano. Como um escultor, ele se afasta lentamente de sua obra-prima, apreciando a beleza do que havia feito. Certamente deve ter sido essa a imagem que o salmista tinha em mente quando escreveu que somos “feito de modo tão extraordinário” (Sl 139.14). E, por fim, Deus soprou o fôlego da vida em Adão, “e o homem se tornou ser vivo” (Gn 2.7).

Surpreendentemente, depois de Deus colocar o primeiro homem, Adão, no jardim do Éden, onde ele tinha tudo de que poderia precisar, Deus disse: “Não é bom que o homem fique só. Farei alguém que o ajude e o complete” (Gn 2.18). Então Deus criou uma mulher a partir da costela de Adão e a nomeou Eva. Sua beleza emocionou Adão, que encontrou nela a resposta para sua solidão. Amizade e relacionamento são os remédios para a solidão e o isolamento, e a deles era uma amizade rica e íntima. Adão “conhecia” Eva. Essa palavra carrega a ideia de intimidade física e emocional. Deus havia providenciado uma solução para a solidão que ameaçava ocupar o jardim. Este era seu propósito para o casamento: que marido e mulher preenchessem o lugar solitário um do outro.

Podemos observar um casal andando no parque e quase dizer se eles são casados ou não. Algo no comportamento deles, o modo como se dão as mãos e andam juntos. Existe uma união tácita que fica evidente porque é única. Quando Vera Mae e eu nos casamos, eu vivia encantado com sua beleza. Pensar que ela então era parte de mim! Eu nunca mais estaria sozinho. E, nos últimos setenta anos, esse tem sido um dos meus maiores tesouros. Nós temos sido um.